

COISAS DE URBANISMO

HEITOR A. EIRAS GARCIA
(Da Sociedade Amigos da Cidade)

1.162.275

Sempre pensei que a Prefeitura inaugurasse 1966 com três providências da maior importância para a população paulistana.

A primeira, a reorganização do serviço de parques e jardins nos moldes do urbanismo moderno. A segunda, a instituição de um serviço de engenharia de tráfego.

A terceira, a limpeza pública. Nenhuma dessas medidas veio até agora.

Não há quem não compreenda que São Paulo não pode continuar com a sua vegetação mal-

tratada e abandonada. Seus jardins e parques públicos exigem maiores cuidados. Exigem planejamento. Sômente um órgão de arquitetos especializados poderá dar solução ao problema.

É uma pena que persista a mentalidade de se manter parques e jardins sujeitos diretamente ao gabinete do prefeito.

As chuvas que caíram últimamente sôbre a cidade demonstraram o abandono em que se tem a arborização. Velhas árvores, que se mantinham de pé por milagre, foram derrubadas pelo vento, causando danos materiais a particulares. Depois desses temporais, os jornais informaram que serão plantadas milhares de árvores pela metrópole. Não fazem, porém, nenhuma referência a qualquer planejamento ou sistema de espaços abertos que serão adotados em nossa capital. Nem dizem das providências que serão tomadas pela Prefeitura para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos antigos jardins e parques legados por nossos antepassados.

No entanto, é hora de a Prefeitura cogitar de planejar espaços abertos, convenientemente equipados.

É uma pena que o trânsito permaneça atado à Polícia do Estado.

A engenharia de tráfego possui recursos para dirigir o trânsito no perímetro urbano e vencer as dificuldades oriundas da ausência de prévia planificação urbanística. Entre nós, impõe-se o planejamento de tráfego. Passagens inferiores e superiores, túneis, viadutos e outras obras deverão ser planejadas e executadas pelo serviço de engenharia de tráfego. De outro lado, os laboratórios eletrônicos de todo o mundo fabricam inúmeros aparelhos para melhorar a circulação, vigilar o tráfego por meio da televisão, telefone e telégrafo; controlar a intensidade e celeridade do trânsito em certos e determinados momentos e trechos, deter a marcha dos veículos nos

cruzamentos quando esta medida se tornar necessária.

É incrível que permaneçamos de braços cruzados, à margem do progresso que se verifica na engenharia de tráfego.

É uma pena que o serviço de limpeza pública obedeça ainda ao sistema adotado por nossos antepassados.

São Paulo é uma das grandes metrópoles do mundo.

Deve pensar, desde já, na atualização desse serviço público, de acôrdo com o que se faz noutras capitais.

Em Brasília, por exemplo — cidade que nasceu ontem — o govêrno propõe-se a instalar o equipamento necessário à industrialização do lixo.

Por que São Paulo não faz o mesmo?

Amigo meu, que é industrial, assegura-me que em São Paulo a industrialização do lixo seria coisa fácil e não exigiria grandes verbas. Bastaria planejá-lo. A Prefeitura forneceria inteiramente grátis à população sacos de papel resistente, do tipo usado nos vasilhames de borracha, cimento e outros produtos similares, recolhendo-os todos os dias ou em dias alternados. Na ocasião, forneceria novos sacos vazios. O fornecimento à Prefeitura desses sacos não custaria nada. Correria por conta da propaganda neles impressa. Os sacos cheios de lixo seriam atirados aos trituradores, sem maiores cuidados, transformando o lixo em uma massa que seria transformada em adubo. A coleta e fornecimento dos sacos obedeceriam às várias classes de bairros, dependendo da natureza e quantidade do lixo de cada bairro. Em alguns deles, o lixo seria coletado duas ou três vezes por semana. Noutros, diariamente.

Cumpra à Municipalidade tornar a vida comunitária mais agradável e higiênica. Sem vegetação, sem trânsito ordenado e sem um serviço de coleta de lixo perfeitamente organizado, São Paulo jámais atingirá essas coisas.